

UMA ANÁLISE CRÍTICA DA LITERATURA ACERCA DA PEDOFILIA

Beatriz Higarashi Penêdo de Carvalho (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Carlos Eduardo Lopes (Orientador), Carolina Laurenti (Co-orientadora),
e-mail: beatrizhpc@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte/Maringá, PR.

Ciências Humanas, Psicologia.

Palavras-chave: Pedofilia, Análise do Comportamento, Contextualismo.

Resumo:

Análise do Comportamento é uma proposta de psicologia científica a qual tem por pressuposto filosófico o Behaviorismo Radical, que adota uma explicação contextualista do fenômeno psicológico, o que implica que sua leitura seja feita em termos relacionais, históricos e complexos, ou seja, em contexto. Pautando-se nessa perspectiva teórica, foi realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica com o objetivo de verificar se as explicações acerca pedofilia na literatura especializada são consistentes com uma concepção contextualista de compreensão do fenômeno psicológico. Foram selecionados 15 artigos científicos conforme critérios pré-estabelecidos, dos quais 73% eram estudos teóricos e 27% de cunho empírico. Em termos de definição e explicação dadas à pedofilia, em sua maioria (67%), a parafilia em pauta foi definida na condição de transtorno psicológico, pautando-se em manuais diagnósticos, explicando-a como algo decorrente de fatores desenvolvimentais e culturais. Foi verificado que apenas 4 artigos apresentaram uma leitura da pedofilia consistente com o Contextualismo (26,67%), enquanto que os demais trabalhos feriram, em alguma medida, a perspectiva contextualista. Tais resultados refletem nas formas de tratamento e encaminhamento atribuídas ao fenômeno pedofílico, as quais, em sua maioria, estão relacionadas ao encarceramento (53,3%), o que, segundo preceitos analítico-comportamentais, não apresenta efetividade na mudança duradoura de comportamentos. Foi constatada, ainda, uma contradição entre uma sociedade que busca o combate à violência sexual infantil e que, ao mesmo tempo, corrobora para o fenômeno da pedofilização, contribuindo para que haja um movimento de “naturalização” e desresponsabilização por parte de ofensores sexuais.

Introdução

A teoria analítico-comportamental diz respeito a uma abordagem psicológica pautada em pressupostos do Behaviorismo Radical, os quais são consistentes com uma explicação contextualista do fenômeno psicológico (CARRARA, 2004). Isso significa que a explicação desse fenômeno se dá

mediante a identificação e descrição das relações de interdependência funcional entre as ações do indivíduo e o mundo (aspecto relacional) (TOURINHO, 2006). Tais relações são esclarecidas recorrendo-se não apenas ao contexto imediato, mas também aos diferentes contextos históricos que constituíram essas relações (aspecto histórico), quais sejam, o filogenético, o ontogenético e o cultural (aspecto complexo), conferindo ao comportamento um caráter multidimensional (CARRARA, 2004).

A pedofilia tradicionalmente é definida como um transtorno de ordem psicológica, pertencente ao campo das parafilias, a qual tem por critérios diagnósticos a preferência e excitação sexual por indivíduos em idade pré-púbere, por um período não inferior a seis meses, sendo o sujeito pedófilo necessariamente cinco anos mais velho que a criança em questão (FELIPE, 2006). Sendo um fenômeno psicológico e considerando as múltiplas possibilidades de interpretação e abordagem do assunto, o objetivo desta pesquisa foi verificar se as explicações da pedofilia na literatura especializada são consistentes com uma concepção contextualista de compreensão do fenômeno psicológico.

Materiais e métodos

Para tanto, foi desenvolvido um estudo de natureza bibliográfica, no qual foram selecionados artigos científicos que contemplassem o descritor (Pedofilia) e demais palavras-chave (Pedófilo, Psicologia, Psicológico(a), Psicólogo(a)), mediante acesso às bases de dados SciELO, PePSIC, LILACS, MEDLINE e Index Psicologia. A partir dessa seleção, a análise dos artigos foi orientada pelo seguinte procedimento: (a) leituras preliminares, visando familiarização com os trabalhos; (b) fichamento contendo dados relacionados à natureza da pesquisa, objetivo, referencial teórico utilizado, método ou procedimentos executados, resultados e discussão, conclusão, o que fora dito sobre pedofilia e se o estudo apresentava relações com alguma dimensão de uma explicação contextualista (aspecto relacional, histórico e complexo). O conteúdo sistematizado na forma de fichamentos orientou a redação do texto final.

Resultados e Discussão

Mediante aplicação do procedimento de seleção das fontes, foram obtidos, ao final, 15 artigos. Com base no levantamento bibliográfico e análise dos dados obtidos, os resultados revelaram haver uma quantidade significativamente maior de estudos de natureza teórica (73%) em detrimento dos de cunho empírico (27%), o que evidencia uma dificuldade envolvida nas investigações empíricas sobre a pedofilia.

Outro aspecto verificado diz respeito às definições de pedofilia encontradas, as quais, em sua maioria (67%), a abordaram na condição de transtorno psicológico, pautando-se em manuais diagnósticos. Foram identificados, também, dois tipos predominantes de explicação da pedofilia: (a) desenvolvimentais, que dão destaque à história de abuso sexual, imaturidade sexual, e dificuldades no estabelecimento de relações interpessoais do indivíduo pedófilo; (b) e/ou culturais, aludindo ao fenômeno

da pedofilização, à disseminação da pornografia infantil, ao papel da classe social e questões de gênero, como a dominação masculina. A maioria dos trabalhos atribuiu ênfase à dimensão cultural nas explicações, em detrimento das demais dimensões (67%).

Com relação à consistência com o Contextualismo, tornou-se possível identificar apenas 4 trabalhos que apresentaram uma leitura contextualista acerca da pedofilia – levando em consideração e articulando as dimensões relacional, histórica e complexa na compreensão da parafilia –, o que, em termos percentuais, equivale a 26,67% do total de trabalhos. Esse aspecto reflete nas formas de tratamento e encaminhamento atribuídos ao fenômeno pedofílico, as quais, em sua maioria (53,3%), têm relação com o contexto carcerário. Tal modalidade de enfrentamento à pedofilia apresenta caráter punitivo o que, segundo Skinner (2003) e Sidman (2009), exibe pouca efetividade em promover uma mudança duradoura no comportamento dos indivíduos, uma vez que “a punição não reduz permanentemente uma tendência” (SKINNER, 2003, p. 201). Além disso, os autores apontam que a utilização de métodos coercitivos é acompanhada por diversos efeitos colaterais, os quais impactam não somente no indivíduo submetido a eles, como também àqueles responsáveis pela coerção (SIDMAN, 2009; SKINNER, 2003)

A despeito de existirem diversas formas de encaminhamentos possíveis à pedofilia, a nossa sociedade parece ser contraditória nesse aspecto, à medida que, ao mesmo tempo em que prega o combate à violência infantil, ela contribui para o fenômeno da pedofilização, o qual tem contado com o auxílio de veículos midiáticos no processo de sexualização e objetificação dos corpos infantis. Tal contexto contribui para o discurso de ofensores sexuais que se dizem seduzidos por suas vítimas e que não se sentem responsabilizados por suas condutas. Além disso, aspectos econômicos e uma cultura da dominação masculina contribuem para a perpetuação da exploração sexual infantil. Comumente é apontado que indivíduos pedófilos apresentam uma vida dupla e formas de aproximação as quais estão pautadas no estabelecimento de relações de confiança e amizade com a criança, de forma que a utilização de reforçadores positivos se mostra mais efetiva na abordagem das vítimas do que àquelas pautadas em hostilidade (SIDMAN, 2009; SKINNER, 2003). Nesse sentido, há uma dificuldade envolvida na identificação de situações de violência, uma vez que a abordagem do sujeito em relação à criança envolve topografias não socialmente agressivas, não havendo, portanto, indicativos para que resistam, o que impossibilita o reconhecimento por parte da vítima das circunstâncias abusivas nas quais está inserida, silenciando-a ainda mais, perpetuando o abuso.

Conclusões

Com base no levantamento realizado e análise dos dados obtidos, tornou-se possível afirmar que a literatura especializada apresenta pouca consistência com uma leitura contextualista do fenômeno pedofílico, uma vez que apenas 4 dos 15 trabalhos levantados apresentou correspondência

com os preceitos do Contextualismo (26,67%). Nesse sentido, cabe apontar a importância do desenvolvimento de pesquisas referentes à temática da pedofilia que levem em conta o contexto, na acepção aqui utilizada, à medida que abre flanco para uma melhor compreensão acerca do fenômeno e para que sejam pensadas formas complementares à punitiva no tratamento da parafilia, uma vez que as modalidades de encaminhamento pautadas em métodos estritamente coercitivos apresentam pouca efetividade na alteração do comportamento dos indivíduos, e tampouco auxiliam, de modo significativo, na diminuição dos índices de violência sexual infantil. Torna-se importante, também, problematizar o papel da mídia no processo de objetificação dos corpos infantis, junto a uma cultura da dominação masculina, as quais corroboram para que autores de violência sexual infantil não vejam suas ações como uma forma de violência, e, ainda, que entendam que foram seduzidos por suas vítimas. Mais uma vez, verifica-se relevância de que o fenômeno pedofílico seja investigado e entendido em contexto, já que isso possibilitará formas melhores de encaminhamento não só com relação ao indivíduo em si, mas também aos demais pontos que tangenciam a parafilia em questão, o que não implica em uma desresponsabilização desses sujeitos caso venham a apresentar uma conduta ofensiva.

Agradecimentos

Aos meus orientadores pelo auxílio e dedicação concedidos sempre que preciso e à Fundação Araucária pelo apoio financeiro.

Referências

CARRARA, K. Causalidade, relações funcionais e contextualismo: algumas indagações a partir do behaviorismo radical. **Impressões**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 29-54, 2004.

FELIPE, J. Afinal, quem é mesmo pedófilo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 201-223, 2006.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2009.

SKINNER, B. **Ciência e comportamento humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOURINHO, E. Relações comportamentais como objeto da psicologia: algumas implicações. **Revista Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 1-8, 2006.